

PORTALEGRE(S) - UM FUTURO COMUM?

Há cerca de dois anos e meio, logo após o meu segundo regresso do Rio Grande do Norte, escrevi para o número 1294 do jornal portalegrense (português) *Fonte Nova*, relativo ao dia 21 de Setembro de 2005, o texto que a seguir reproduzo:

(RE)DESCOBERTA E CONSTRUÇÃO

Para os que voltámos ao Rio Grande do Norte, como aos que o fizemos pela primeira vez, o mais provável sentimento é o da descoberta.

Não nos movem apenas os objectivos de natureza turística, ainda que plenamente justificados, mas sobretudo os sentimentos da pura fraternidade. Foi um novo encantamento rever ou fazer amigos, recapitular ou descobrir paisagens.

O nordeste brasileiro oferece uma singular semelhança ao nosso norte alentejano, com o seu sertão a rivalizar com a nossa charneca, com os cíclicos tormentos da sede a afligirem por igual homens, animais e culturas. No nosso caso particular, existe mais uma coincidência quando, ao desbravar largos quilómetros de vasta planura, se chega à montanha verde e húmida.

As nossas duas Portalegres aí assentes são, de facto, cidades gémeas, para além do nome, talvez no seu destino de encontro desde há pouco acontecido.

Na descoberta como na redescoberta que agora protagonizámos, ressalta a secreta convicção de que escrevemos anónimas mas significativas páginas de uma crónica doravante comum, atravessando um oceano destinado mais a unir-nos que a separar-nos. Somos os ignorados mas convictos construtores de um novo Império, o da vontade.

Se a geminação é um acto essencialmente político, bom será que este assente na base mais consistente de onde emana todo o poder – o Povo, que nós somos. E creio que é exactamente aqui que reside todo o segredo do sucesso que auguramos para esta união das duas Portalegres. Quando os legítimos detentores do poder político escutam, entendem e dão corpo aos genuínos e colectivos sentimentos daqueles que representam, assim corporizam a sua mais natural e nobre vocação.

Mas também se criam responsabilidades, como a obrigação de aproveitar todos os salutaros pretextos para estreitar os laços, para fortalecer as fraternidades, para consolidar as alianças. De um e de outro lado do Atlântico, as duas comunidades devem permanecer atentas aos sinais de um futuro que queremos construir conjuntamente.

As bases estão lançadas e cada contacto aprofunda-as e fortalece-as. Torna-se por isso necessário que saibamos criar novas oportunidades.

Talvez porque sinto a indizível mas forte voz do sangue que me une ao Juiz Miguel Carlos, posso invocar as secretas raízes que através dele também me ligam à vossa Portalegre. Por isso, dói-me mais na alma a oficial indiferença que por aqui se vive, no quotidiano alheamento dos juramentos de honra subscritos num solene protocolo de geminação entre as nossas duas Portalegres.

Aquilo que sonhei e que sempre tenho defendido a partir dos instantes mágicos em que, sucessivamente, descobri as terras e as gentes irmãos do outro lado do mar, tudo isso permanece ainda distante e vago. Esquecido para sempre ou (apenas) adiado até quando?

E, no entanto, aproxima-se num horizonte já próximo, pelos finais de 2011, uma data mágica: a efeméride dos 250 anos decorridos sobre a vossa Fundação, sob a égide de Miguel Carlos de Pina Caldeira Castelo Branco, o jurista alentejano a quem a Corte e a História então entregaram a missão diplomática que uniu para sempre os destinos das nossas duas cidades.

Compete aos homens de boa vontade de um e do outro lado do Atlântico aproveitar este pretexto e o desafio nele contido, construindo pouco a pouco o corpo e a alma de uma nova comunidade, ainda que alguns outros, de fraca memória ou de débil vontade, ainda não tenham percebido as lições do Passado projectadas na esperança do Futuro...

António Miguel Martinó de Azevedo Coutinho
Portalegre, no Norte Alentejano, em Março de 2008